

O Humor Camoniano

Aspectos psicológicos na poesia de Camões

Justino Mendes de Almeida¹

Camões humorista? Porque não? Se assim é, vejamo-lo nuns quantos excertos da epopeia, das líricas, das cartas e dos autos. Não é que o Poeta tenha igual nível em todos os géneros literários. Não lhe faltava o “génio” vicentino, se Luís de Camões tivesse prolongado a dramaturgia.

Analisemos então os estratos que seleccionámos, em apoio de uma tese, “O humorismo em Camões”, nunca tratado por ninguém.

E, se o desejarmos, porque não nos ocuparmos do tema fulcral da lírica camoniana – o Amor –, acrescentando alguma coisa de novo às palavras que José Régio dedicou ao tema? É um convite aos estudantes de Psicologia.

Textos a que nos referimos no segundo parágrafo.

Nem sempre a poesia camoniana é exclusivamente grave ou, digamos, séria, no sentido de que não provoca o riso. E assim é na maioria. Também há versos que documentam o humor do Poeta. É uma parte mínima, é certo. Mas o genial Camões poderia tratar qualquer tema, se o quisesse. A natureza das suas composições dependia apenas do objectivo desejado, e do estado de espírito em que se encontrava.

E no teatro, não haverá composições deste tipo? É óbvio que há, ainda que a grande distância do génio de Gil Vicente. Anotemos, no entanto, alguns passos do humorismo camoniano. Começo com dois estratos d’Os Lusíadas, com inegável humorismo:

1 Magnífico Reitor da UAL

1. O episódio de Fernão Veloso (V, 27-35)

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro Pexe a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir, de pele preta,
Que tomaram per força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pele
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos:
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente;
Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo e assi caminha
Pera a povoação que perto tinha.

Mas, logo ao outro dia, seus parceiros,
Todos nus e da cor da escura treva,
Decendo pelos ásperos outeiros,
As peças vêm buscar que estoutro leva.
Domésticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se co eles pelo mato.

É Veloso no braço confiado
E, de arrogante, crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

O batel de Coelho foi depressa
Polo tomar; mas, antes que chegasse,
Um Etíope ousado se arremessa
A ele, por que não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e, enquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro, descoberto.

Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nós outros, sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida.
Mas nós, como pessoas magoadas,
A reposta lhe demos tão tecida
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

E, sendo já Veloso em salvamento,
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento,
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da Índia desejada
Que estarmos inda muito longe dela.
E assi tornei a dar ao vento a vela.

Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
– “Oulá, Veloso amigo! Aquele outeiro
É melhor de decer que de subir!”
– “Si, é (responde o ousado aventureiro);
Mas, quando eu pera cá vi tantos vir
Daqueles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estáveis cá sem mim.”

2. O concílio dos deuses no mar (VI, 14):

Pouca tardança faz Lieu irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Às portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino da água o Rei do vinho.

No Boletim da Segunda Classe, da Academia das Ciências, vol. II (1902-1909), há notícia de uma comunicação de Henrique Lopes de Mendonça,

que parece ter passado despercebida aos comentadores de Camões. Trata-se da existência na colecção Pombalina, da Biblioteca Nacional de Portugal de duas breves composições rimadas, que se encontram num códice português do século XVII cujo texto é o seguinte:

Trova q dise hũ franses a hũa regateira

Luiza quem sem camisa
te acolhera entre os lamsois
não me daras dous melões
q sejam de boa gisa.

Resposta de Camoens achandose prezente

Luiza tu te aviza
q taes meloens lhe não des
porq ese q ahi ves
trinques fortes males giza.

A outra trova que se acha na mesma página, em castelhano, é perfeitamente inteligível e consentânea com a feição madrigalesca de Camões. Pode sem desdouro – quer-me parecer – figurar entre as suas mais galantes redondilhas. Ei-la:

*Estando Camões a hũ canto respondeo a hũ pobre que lhe pedio
esmola*

Pobre que pedis por Dios
llegad e pidid alli
e pidi p.^a los dos
la limosna p.^a uos
la libertad p.^a mi.

Finalmente, a última, insere noutra página do códice, reza deste modo:

*Diserão hūas damas a Camões q lhe darião hū tostão se dese
consoante a frangãos; respondeu elle*

Moscas, mosquitos e zangãos
me picasem nesta mão
se por ganhar hū tostão
não der consoante a frangãos.

Passemos aos sonetos, de que daremos como exemplo (seguimos a edição de Costa Pimpão, a melhor edição escolar):

Soneto 22:

Num jardim adornado de verdura,
A que esmaltam por cima várias flores,
Entrou um dia a Deusa dos amores,
Com a Deusa da caça e da espessura.

Diana tomou logo uma rosa pura,
Vénus um roxo lírio, dos milhores,
Mas excediam muito às outras flores
As violas, na graça e fermosura.

Perguntam a Cupido, que ali estava,
Qual daquelas três flores tomaria,
Por mais suave, pura e mais fermosa?

Sorrindo-se o Minino lhe tornava:
Todas fermosas são, mas eu queria
Viol'antes que lírio, nem que rosa.

Daqui nasceu a existência de uma Violante na vida de Camões (proposta do prof. José H. Saraiva). E outros sonetos (5, 6, 7, 9, 11, 14, 15, 16, 20, 24, 27, 58...)

Trovas que Luis de Camões fez na Índia, a certos fidalgos a quem convidara para cear (apenas duas estrofes do conjunto):

A primeira iguaria foi posta a Vasco de Ataíde, entre dous pratos, e dizia assim:

Se não quereis padecer
ũa ou duas horas tristes,
sabeis que haveis de fazer?
Volveros por dó venistes,
que aqui não há que comer.
E posto que aqui leiais
trovinha que vos enleia,
corrido não estejais;
porque por mais que corrais
não heis de alcançar a ceia.

A segunda, a Heitor da Silveira:

Ceia não a papareis;
contudo, porque não minta,
para beber achareis,
não Caparica, mas tinta,
e mil cousas que papeis.
E vós torceis o focinho,
com esta anfibologia?
Pois sabeis que a Poesia
vos dá aqui tinta por vinho,
e papéis por iguaria.

Trovas a uma dama que lhe mandou pedir algumas obras suas

Senhora, se eu alcançasse
no tempo que ler quereis,
que a dita dos meus papéis
pola minha se trocasse;
e por ver
tudo o que posso escrever
em mais breve relação,
indo eu onde eles vão,
por mim só quisésseis ler;

Depois de ver um cuidado
tão contente de seu mal,
veríeis o natural
do que aqui vedes pintado;
que o perfeito
Amor, de que sou sujeito,
vereis áspero e cruel,
aqui com tinta e papel,
em mim co sangue no peito.

Trovas a uma senhora que estava rezando por umas contas

Peço-vos que me digais
as orações que rezastes
se são pelos que matastes,
se por vós, que assi matais?
Se são por vós, são perdidas;
que, qual será a oração
que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Esparsa a uma dama que lhe chamou “cara-sem-olhos”

Sem olhos vi o mal claro
que dos olhos se seguiu:
pois *cara-sem-olhos* viu
olhos que lhe custaram caro.
De olhos não faço menção,
pois quereis que olhos não sejam;
vendo-vos, olhos sobejam,
não vos vendo, olhos não são.

Disparates seus na Índia

Deixai a um que se abone,
diz logo de muito sengo:
villas e castillos tengo,
todos á mi mandar sone.
Então eu, que estou de molho,
com a lágrima no olho,
pelo virar do envés,
digo-lhe: *tu insanus es,*
e por isso não to tolho:
pois “Honra e proveito não cabem num saco”.

Outros em cada teatro
por officio lhe ouvireis
que *se matarán con tres*
y lo mismo harán con quatro.
Prezam-se de dar respostas
com palavras bem compostas;
mas, se lhe meteis a mão,
na paz mostram coração,
na guerra mostram as costas:
porque “Aqui torce a porca o rabo”.

Fraldas largas, grave aspecto
para senador romano.
Ó que grandíssimo engano!
Que Momo lhe abra-se o peito!
Consciência que sobeja,
siso, com que o mundo reja,
mansidão outro que si;
mas que lobo está em ti,
metido em pele de *oveja*!
E sabem-no poucos.

Ó tu, como me atarracas,
escudeiro de solia,
com bocais de fidalguia,
trazidos quase com vacas;
importuno a importunar,
morto por desenterrar
parentes que cheiram já!
Voto a tal, que me fará
um destes nunca falar
mais com viva alma.

Ó vós, quem quer que me ledes,
que haveis de ser avisado,
que dizeis ao namorado
que caça vento com redes?
Jura por vida da Dama,
fala consigo na cama,
passa de noite, e escarra;
por falsete na guitarra
põe sempre: *Viva quem ama*,
porque calça a seu propósito.

Ó vós, que sois secretários
das consciências reais,
que entre os homens estais
por senhores ordinários;
porque não pondeis um freio
ao roubar que vai sem meio,
debaixo de bom governo?
Pois um pedaço d'inferno
por pouco dinheiro alheio
se vende a Mouro e a Judeu.

Mote a uma dama que estava doente:

Da doença, em que ardeis,
Eu fora vossa mezinha,
Só com vós serdes a minha.

*Cantiga a Dona Guiomar de Blasfé, que se queimara no rosto com
uma vela*

Mote: Amor que todos ofende
teve, Senhora, por gosto,
que sentisse o vosso rosto
o que nas almas acende.

Volta

Aquele rosto que traz
o mundo todo abrasado,
se foi da flama tocado,
foi porque sinta o que faz.
Bem sei que Amor se lhe rende;
Porém o seu prosuposto

Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas acende.

*Esparsa a um fidalgo na Índia que lhe tardava com uma camisa
galante que lhe prometeu*

Quem no mundo quiser ser
havido por singular,
para mais se engrandecer
há-de trazer sempre o dar
nas ancas do prometer.
E já que vossa mercê
largueza tem por divisa,
como todo o mundo vê,
há mister que tanto dê
que venha [a] dar a camisa.

Mote a uma dama que lhe chamou diabo

Senhora, pois me chamais
tão sem razão tão mau nome,
inda o diabo vos tome.

Cantiga a este mote seu:

Enforquei minha esperança;
mas Amor foi tão madraço
que lhe cortou o baraço.

Volta

Foi a Esperança julgada
por sentença da Ventura,
que, pois me teve à pendura,
que fosse dependurada.
Vem Cupido co a espada
corta-lhe cerce o baraço
Cupido, foste madraço!

Mote a três damas que lhe diziam que o amavam

Não sei se me engana Helena,
se Maria, se Joana,
não sei qual delas me engana.

Voltas

Õa diz que me quer bem,
outra jura que mo quer;
mas, em jura de mulher
quem crerá, se elas não crêm?
Não posso não crer a Helena,
a Maria, nem Joana,
mas não sei qual delas mais me engana.

Õa faz-me juramentos
que só meu amor estima;
a outra diz que se fina;
Joana, que bebe os ventos.
Se cuida que mente Helena,
também mentirá Joana;
mas quem mente, não me engana.

Mote seu a uma dama mal empregada

Quem tão mal vos empregou,
pouco de mi se doía,
pois não viu quanto me ia
em tirar-me o que tirou.
Obriga o primor que tem
lindeza tão extremada
que digam quantos a vêm:
– Ferosa e mal empregada!

A uma dama que lhe jurava sempre pelos seus olhos

Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
Todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
não crer tão grão juramento.

Cantiga a uma dama que lhe virou o rosto

Mote: Olhos, não vos mereci
Que tenhais tal condição:
Tão liberais para o chão,
Tão irosos para mi.

Volta

Baixos e honestos andais,
por vos negardes a quem
não quer mais que aquele bem
que vós no chão espalhais.
Se pouco vos mereci,
não me estimais mais que o chão,
a quem vós o galardão
dais, e mo negais a mi.

Esparsa sua ao desconcerto do mundo

Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos;
e, para mais me espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contantamentos.
Cuidando alcançar assim
o bem tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado.
Assim que, só para mim
anda o mundo concertado.

Carta de Luís de Camões mandada da Índia a um amigo:

Desejei tanto uma vossa que cuido que, pela muito desejar, a
não vi. Porque este é o mais certo costume da Fortuna, consentir
que se deseje o que mais presto há-de negar.

Carta a outro amigo:

Esta vai com a candeia na mão morrer nas de v. m. e se daí passar seja em cinza, porque não quero que do meu pouco comam muitos.

Foi nossa intenção apresentar alguns exemplos do humorismo camoniano. A partir daqui, muitos outros é possível registar, de tal maneira que, se alguém se interessar por este tema, até hoje não tratado, fará com certeza um trabalho interessante para muita gente, e não só para os camonistas, que se limitam a venerar o Épico. E o dramaturgo? Não ficou esquecido. Vede os diálogos entre personagens rústicas: Feliseu e Brómia:

Feliseu

Chamais-me? Também vos chamo;
Porém eu ouço, e vós não.
Senhora, que me matais!
Se vós já nunca me ouvis,
Ou me ouvis e vos calais,
Dizei: porque me chamais,
Se me vós a mim fugis?

Brómia

Eu vos fujo?

Feliseu

Fugis, digo,
De dar a meus males cabo.

Brómia

Sabei que desse perigo
Não fujo como de imigo:
Fujo como do diabo.

Feliseu

Dai ao demo essa tenção,
Usai antes de cortês;
Caí vós nesta rezão.

Brómia

Do p'rigo fogem os pés,
Do diabo o coração

(Auto dos Anfatriões)

Eis alguns exemplos do humorismo camoniano. E se o humor é um aspecto fundamental do espírito humano, condutor até do comportamento do Homem, não valerá a pena estudá-lo a fundo, para melhor conhecimento do “príncipe” dos poetas lusitanos?

Benavente, 1 de Dezembro de 2007